



FRONTEIRAS CRUZADAS: FONTIÉ KI KWAZE 7 ANOS DE EXPERIÊNCIAS COLABORATIVAS

Ana Lúcia Aguiar
Daniel Perseguiim
Karina Quintanilha
Tiago Rangel Côrtes

Daniel Perseguiim

Jornalista e produtor audiovisual, é Mestre em Artes (PGEHA-USP). Exerce atividade profissional como mídia-designer, diretor, fotógrafo, produtor e editor, tendo premiações por documentários e curta-metragens. Co-fundador do Fórum Internacional Fontié ki Kwaze - Fronteiras Cruzadas, está vinculado como pesquisador ao Departamento de Sociologia da FFLCH-USP pelo projeto de extensão Fronteiras Cruzadas.

Karina Quintanilha

Doutora em Sociologia pelo Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas (IFCH-UNICAMP), tendo sido contemplada pelo Print-Capes com bolsa sanduíche na Università Ca'Foscari di Venezia, na Itália. É advogada e mestra em Ciências Sociais formada pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), com especialização em Migração e Refúgio na perspectiva de direitos humanos pela Universidad Nacional de Lanús, na Argentina. É co-fundadora do Fórum Internacional Fontié ki Kwaze - Fronteiras Cruzadas na Universidade de São Paulo (USP), e atualmente pesquisadora vinculada ao Departamento de Sociologia da FFLCH-USP, onde está responsável pela coordenação das atividades do projeto de extensão Fronteiras Cruzadas realizado em parceria com o Laboratório de Pesquisa Social (LAPS/USP). Integra o grupo de pesquisa "Metamorfoses do Mundo do Trabalho" (CNPq-UNICAMP) e do grupo de estudos "Cidade e Trabalho" (FFLCH-USP).

Tiago Rangel Côrtes

Doutor em Sociologia pela Universidade de São Paulo e técnico do Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (DIEESE). É membro do Fórum Internacional Fontié Ki Kwaze - Fronteiras Cruzadas e está vinculado à Universidade de São Paulo como Pesquisador Colaborador pelo Projeto de Extensão do Fórum Fronteiras Cruzadas. Pesquisa temas relativos à migração transnacional e direito à cidade e trabalho.

Ana Lúcia de Oliveira Aguiar

Doutora em Sociologia pela Universidade de São Paulo (USP), bacharel e mestra em Ciências Sociais pela Universidade Federal de São Paulo (Unifesp); e especialista em Gestão Escolar (USP/Esalq) articulando as migrações como aspectos da inclusão escolar. Desde 2020 integra o Fórum Internacional Fontié ki Kwaze - Fronteiras Cruzadas na Universidade de São Paulo (USP). Participa do Grupo Cidade e Trabalho (LAPS/ USP) e atualmente é pesquisadora colaboradora vinculada ao Departamento de Sociologia da FFLCH-USP. Desenvolve produções científicas e debates na área da educação, do pensamento feminista, da sociologia urbana e dos estudos migratórios.

O presente relato de experiência resgata a trajetória do Fórum Internacional Fontié ki Kwaze - Fronteiras Cruzadas, um espaço de articulação transnacional constituído em 2017 na Universidade de São Paulo (USP) e que, desde então, tem sido reconhecido por agregar pesquisadoras/es de diversos campos do conhecimento, ativistas, artistas e coletivos de imigrantes e refugiadas/os em projetos acadêmicos e de extensão universitária por meio da construção de epistemologias colaborativas que transitam entre pesquisa interdisciplinar, ensino,

cultura e campanhas em defesa de direitos humanos.

A composição diversa e heterogênea desse espaço de articulação trouxe uma importante marca para a produção dos eventos e projetos culturais organizados pelo Fronteiras Cruzadas, situando ativistas, movimentos sociais, redes e associações de imigrantes e refugiadas/os no centro das práticas coletivas de pesquisa, formação e extensão universitária. Esse modo diverso de “fazer fórum” sobre as migrações, priorizando a participação de imigrantes e refugiadas/os, foi abordado

na recente tese de doutorado “Migrantes e fazer cidade: trajetórias urbanas de migrantes transnacionais em São Paulo”, do sociólogo Tiago Rangel Côrtes, co-autor deste artigo, e que se somou ao Fórum em 2018. Côrtes destaca:

(...) o Fronteiras Cruzadas implodia os muros das universidades por meio de formas inovadoras de produção de conhecimento, ao incorporar práticas, conhecimentos e saberes dos coletivos migrantes. Já na primeira atividade que acompanhei, muito me impactou a presença massiva de migrantes, seus coletivos e associações.

Atividades realizadas pelo Fronteiras Cruzadas entre 2017 e 2023



Fonte: Seleção de imagens do acervo do Fronteiras Cruzadas.



(...) A iniciativa impressionava por mobilizar associações múltiplas de migrantes, articulação com diferentes escalas de governo, uma rede impressionante de interlocução com operadores do Estado, sobretudo Defensoria Pública e Ministério da Justiça, além da atuação junto a representantes da política institucional, como deputados e vereadores. O Fórum revelou-se um verdadeiro operador de escalas (Caglar; Schiller, 2018). (Côrtes, 2023, p.181)

A seguir, busca-se reconstruir os fios da memória do surgimento e evolução do Fronteiras Cruzadas, que foi se consolidando como um projeto transdisciplinar acadêmico, social e artístico multicultural comprometido com o debate crítico, interseccional e decolonial por um “mundo sem fronteiras”, estimulando o trabalho em rede na defesa de direitos de pessoas migrantes, expulsas, refugiadas, deslocadas, retornadas, nas diásporas.

A emergência da articulação entre pesquisadoras/es, ativistas e coletivos

Fontié Ki Kwaze, em creole haitiano, significa “fronteiras que cruzam”. Essa combinação de palavras que inspirou o nome do Fórum surgiu do profícuo diálogo com integrantes da União Social dos Imigrantes Haitianos (USIH), coordenada por Fedo Bacourt, uma associação conhecida por membros do Fórum durante atividades sindicais e do Grupo de Apoio a Imigrantes e Refugiados (GAIR), liderado pelo Prof. Dr. Luiz Souto Maior (Direito-USP) ainda antes das primeiras discussões sobre a proposta de organizar o projeto na USP.

O Fórum recebeu financiamento público do Programa de Apoio a Eventos no País da Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (PAEP-CAPES) em três edições na USP, realizadas em 2017, 2018,

2020/2021, além de um quarto evento a ser produzido em dezembro de 2024. Atualmente, o Fronteiras está vinculado como Projeto de Extensão no Laboratório de Pesquisa Social (LAPS) do Departamento de Sociologia da Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas (FFLCH-USP), sob a coordenação das Profas. Bianca Freire-Medeiros e Vera da Silva Teles.

A partir da formação de uma ampla comissão de organização e científica, sob a curadoria da advogada e socióloga Karina Quintanilha, a primeira edição do Fronteiras Cruzadas foi organizada em 2017 pelo Centro Multidisciplinar de Pesquisas Colaborativas em Linguagens Digitais (COLABOR), coordenado Prof. Dr. Artur Matuck, inicialmente o responsável pelo projeto na CAPES (entre 2017 e 2021); em parceria com o Departamento de Relações Públicas e o Programa de Pós-graduação Interunidades em Estética e His-

tória da Arte (USP); e ainda com o Núcleo de Arte, Mídia e Políticas das Ciências Sociais (NEAMP-PU-C-SP). Também foram determinantes as parcerias com projetos de extensão universitária (ProMigra da Faculdade de Direito da USP) e com o centro de acolhida de imigrantes Casa de Assis, na cidade de São Paulo, mobilizando um público composto por estudantes, ativistas e profissionais atuantes nos campos das humanidades (ciências sociais, direito, história, economia, psicologia, comunicação, artes, serviço social, políticas públicas) e migrantes recém chegados.

De fato, foram determinantes para o surgimento do Fórum as práticas colaborativas desenvolvidas no COLABOR, um espaço aberto de pesquisas interdisciplinares criativas em arte de performance, que congregava um amplo grupo de pesquisadores e artistas que não necessariamente estavam vinculados à pós-graduação, como o artista de origem aymara Juan Cusicanki Saka, e de sua companheira Aloha de la Queiroz, bem como o jornalista Daniel Perseguidor (mestre pelo PGEHA-USP) e Karina Quintanilha, ambos co-autores deste texto e que participaram de todas as etapas da história do Fronteiras Cruzadas desde a sua fundação.

O evento seminal em 2017 teve como tema "O Desafio das Comunicações diante das Populações em Deslocamento". Com ênfase transdisciplinar, a programação

foi composta por mesas (com pesquisadores, ativistas e artistas – incluindo migrantes – como palestrantes), arenas de debate, conferências (com estudiosos das migrações do Brasil e do exterior, como Raúl Delgado Wise e Pablo Ceriani Cernadas), performances (organizadas pelo coletivo Migranto, com seus bonecos de escala humana, e a Cia. de Teatro Coletivo de Galochas, que promoveu uma intervenção artística sobre a questão Palestina), além de oficinas/workshops. As atividades partiam dos seguintes eixos temáticos: Desafios e perspectivas no campo da comunicação, política e direitos humanos; Experiências diaspóricas: corpos, tempos e histórias; Fronteiras Cruzadas: arte, história e trabalho. Com base nesses eixos, o evento teve como enfoque a mobilização da população migrante por protagonismo, visibilidade e reconhecimento de seus direitos em um período de intensos debates em torno da aprovação da nova Lei de Migração no Brasil (Quintanilha, 2019).

Ao longo de três dias de evento, com a participação de pessoas de mais de 20 nacionalidades, o Fórum possibilitou novos engajamentos com a pauta migratória nas mais distintas áreas do conhecimento, um campo expandido que se formou por meio das experiências e debates interculturais vivenciados no Fórum. A recepção do evento, por exemplo, foi idealizada por Antonio Rodrigues, dou-

tor em Artes (PGEHA-USP), que acolhia as/os participantes com uma seleção diversa de sementes; e a parte de alimentação foi organizada pelo destacado produtor cultural de origem síria Salim Mhanna.

Já a 2ª edição do evento, ocorrida em novembro de 2018 nos auditórios da ECA-USP, teve como proposta a discussão das "(l)mobilidades globais e Diásporas Contemporâneas". Foi possível angariar um público ainda mais amplo e formar novas parcerias institucionais que enriqueceram a atividade, entre elas a Mostra CineTrabalho da Unicamp e o Balcão de Atendimentos do ProMigra, além de múltiplas intervenções artísticas, como o boneco "ELENON" (em referência ao movimento #EleNão), e performances musicais organizadas pelo coletivo de Juan Cusicanki Saka. Dentre os convidados internacionais, participaram o Prof. Dr. Babatunde Lawal (VCU-Arts) e novamente Pablo Ceriani e Raúl Delgado Wise. Foi possível contar com a transmissão online



@FRONTEIRASCRUZADAS

do Serviço Tecnologia da Informação da própria ECA e a parceria do site MigraMundo na divulgação. O apoio do departamento de Relações Públicas com a obtenção de *tickets* de vale-refeição para as pessoas inscritas no evento possibilitou a organização de almoços coletivos no bandeirão da USP que serviram como espaços de socialização. A presença de imigrantes do Centro de Acolhida Casa de Assis foi viabilizada pelo apoio da USP com o transporte. E o encerramento dessa 2ª edição aconteceu no Teatro Oficina Uzyna Uzona pela experiência singular da organização do Sarau Multicultural Fronteiras Cruzadas no Teatro Oficina, com a presença de centenas de participantes.

Em 2020, já no contexto da pandemia da Covid-19, foi organizada a 3ª edição com o tema "Migrações Transnacionais e Transformações Sociais", adaptada para o formato telemático em razão dos riscos do novo coronavírus. Essa transformação para o mundo digital, embora tenha gerado inúmeros desafios (como a necessidade de ampliar a equipe de comunicação coordenada por Daniel Perseguidor), possibilitou uma intervenção em grande escala, consolidando o canal do YouTube @[FronteirasCruzadas](#) que chegou a 661 inscritos e disponibilizou todo o conteúdo das atividades online.

Nesta terceira edição, foram organizados debates e conferências que contaram com a participação

online de convidados internacionais como: Nina Glick-Schiller (University of Manchester), Ayşe Çağlar (University of Vienna), Attila Mellegh (Corvinus University, Budapest), Yana Meerzon (University of Ottawa, Canadá), Tamás Geröcs (Binghamton University, EUA), Raúl Delgado Wise (Universidade Autónoma de Zacatecas, México), Henry Daniel (Simon Fraser University, Canadá), Gana Ndyae (Beloit College, EUA). O evento estabeleceu parceria com o seminário "Universidade em Transformação: desafios e potencialidades - Educação, Pesquisa e Direitos Humanos no século XXI em perspectiva interdisciplinar", organizado pelo Prof. Dr. Paulo Daniel Farah (Diversitas-USP), por meio da qual foram articuladas três mesas em conjunto relacionadas com as emergências da pandemia da Covid-19: "*Migração e Negritude performando justiça no Brasil*"; "*Covid-19 e a campanha #Regularização Já: o protagonismo das mulheres migrantes*"; "*Covid-19, fronteiras e as lutas por visibilidade migrante: paradigmas da saúde*".

Neste período pandêmico, em que o Brasil vivia uma crise multidimensional derivada das necropolíticas do governo da extrema-direita no poder, foi necessário explorar outros formatos de "fazer fórum". Disso resultou a proposta de gravar, em parceria com pesquisadores do Grupo de Estudos Cidade e Trabalho, coordenado por Vera Telles na USP, um ciclo de



vídeo-entrevistas online intitulado “Controles Fronteiriços e Ativismos Transnacionais”¹ para refletir sobre as tensões entre migrações e fronteiras como fenômenos globais e multifacetados. Foram entrevistados: Helion Póvoa Neto, Reginaldo Nasser, Amarela Varela Huerta e Pablo Ceriani Cernadas.

Por meio dessas práticas coletivas e formas de epistemologias colaborativas, a organização do Fórum Internacional Fronteiras Cruzadas proporciona uma percepção e engajamento com diferentes aspectos objetivos e subjetivos da condição de vida e demandas das populações mi-

grantes transnacionais. São relatos fortes de violações a direitos humanos no país de origem, no trajeto e no país de destino – como se vivessem uma permanente situação de refúgio –, mas também formas singulares de resistências. Um espaço qualificado de discussões estabelecido com a participação de reconhecidos ativistas imigrantes como palestrantes no evento (Hortense Mbuyi, Jobana Moya, Fedo Bacourt, Diana Soliz, Juan Cusicanqui, Lenna Bahule, Nduduzo Siba, Prudence Kalam-bay, Shambuji Wetu, Antonio Andrade, entre tantas/os outras/os) lado a lado com pesquisadores

dedicados à questão migratória, e acadêmicos com reconhecida atuação internacional no tema.

O apoio da CAPES, além de garantir a estrutura para a realização dos eventos, permitiu a estruturação do site fronteiras cruzadas.com.br, que conforma um importante acervo, junto às outras plataformas digitais que seguem em construção no YouTube, Instagram e Facebook, localizadas nas redes pelo @FronteirasCruzadas. Como fruto dos eventos, o Fórum originou uma publicação acadêmica² e Anais com resumos de trabalhos apresentados³. Ao longo do período entre 2017 e 2023,

as epistemologias colaborativas produzidas pelo Fórum Fronteiras Cruzadas envolveram: mais de 50 docentes e pesquisadores convidados para palestras; participação presencial de mais de 300 pessoas; inscrição online de mais de 460 pesquisadores de todas as regiões do país; e um público participante de mais de 10.000 pessoas em transmissão de eventos pelas redes sociais.

Fronteiras cruzadas entre pesquisa, extensão e cultura

A partir de 2020, como resposta social e política aos tempos de urgência de luta pela vida na pandemia, o Fronteiras Cruzadas passou a atuar com projetos de extensão universitária e ampliou o trabalho com projetos culturais que já vinha de experiências anteriores de integrantes do grupo com projetos organizados no SESC⁴. A primeira experiência com extensão universitária foi com o projeto “Formação de Rede Sociotécnica com Imigrantes e Refugiados”, apoiado por um edital da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (PROEC) da UNICAMP.

O projeto, escrito por Karina Quintanilha, doutoranda em Sociologia na UNICAMP, e pela socióloga Patrícia Villen foi realizado

entre 2020 e 2021⁵ com o apoio do Prof. Dr. Ricardo Antunes, professor titular do Departamento de Sociologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH) da Universidade Estadual de Campinas”. As atividades de extensão foram realizadas a partir das demandas levantadas durante reuniões mensais com seis associações e coletivos de imigrantes que formalizaram parceria com o projeto, sendo elas: a União Social dos Imigrantes Haitianos (USIH), representada por Fedo Bacourt; a Kasinha Bay4s Cultural, representada por Juan Cusicanqui e Alohá de La Queiroz; a Associação da Comunidade da Guiné Bissau, representada por Vensam lala; o Espaço Wema, representado por Hortense Mbuyi; a Associação de Mulheres Migrantes Luz e Vida (AMILV), representada por Miriam Guarachi e Yolanda Palacios; a Associação dos haitianos de Campinas e região (AHCRD), representada por Choisy Francilome. Como contrapartida, além das ações conjuntas, o projeto conseguiu garantir o apoio de acesso à internet às associações em todo o período, um direito fundamental no mundo contemporâneo e sobretudo

diante da necessidade de isolamento social durante a pandemia.

Esse projeto na UNICAMP resultou em importantes ações colaborativas, como o “I Encontro Nacional da Rede de Extensão Universitária com Imigrantes e Refugiados (Rede Reunir)” – que envolveu mais de 90 iniciativas em universidades de todas as regiões do Brasil – e a organização do Sarau Multicultural Online, uma proposta que promoveu a interlocução entre artistas e produtores culturais, disseminando o debate das migrações a partir das sensibilidades afetivas da música e da poesia. Ainda, foram destaques neste período de 1 ano do projeto: atividades de formação sobre direitos das pessoas migrantes para o público geral por meio de um Minicurso com a OAB-Campinas; a produção audiovisual para formação antirracista com o projeto #JuventudeMigrante em parceria com a Arco-Escola Cooperativa; o mutirão de saúde, trabalho social e direitos humanos organizado pela AMILV; a entrega de cestas básicas para as associações migrantes nas periferias; campanhas em defesa da luta pelo “Vidas Imigrantes Negras Importam”; e uma cartografia digital da rede

1 Curadoria e roteiro: Daniel Perseguiim, Julia Scavitti, Karina Quintanilha, Leandro Fernandes e Tiago Rangel Côrtes. Disponível em: <<https://www.youtube.com/playlist?list=PLHBFesSDR6Liv-YRm0Zwnv298axS9SJM>>.

2 Fronteiras Cruzadas – O desafio da comunicação diante das populações em deslocamento. Nov. 2018. Disponível em: <https://fronteiras cruzadas.com.br/wp-content/uploads/2024/04/pub_L_Forum_Fontie_ki_Kwaze.pdf>.

3 Anais do II Fórum Internacional Fronteiras Cruzadas.2022. Disponível em: <<https://fronteiras cruzadas.com.br/anais-iii-forum-internacional-fronteiras-cruzadas-fontie-ki-kwaze/>>.

-internacional-fronteiras-cruzadas-fontie-ki-kwaze/ >.

4 O projeto Todo Migrante Tem Direito à Informação, organizado por Karina Quintanilha e a educadora Kim Cober teve duas edições organizadas no SESC Carmo. E o projeto Vídeo-Cartas: Conexões Migrantes, organizado por Daniel Perseguiim, Juan Cusicanqui e Karina Quintanilha também no Sesc Carmo.

5 A metodologia e os resultados do projeto estão documentados no relatório final do projeto de extensão Fronteiras Cruzadas na UNICAMP. Disponível em: <http://fronteiras cruzadas.com.br/wp-content/uploads/2021/12/Relatório-Final_-Extensão-Fronteiras-Cruzadas-UNICAMP.pdf>.



sociotécnica de extensão universitária com imigrantes e refugiados em todo o Brasil por meio da criação da Rede Reunir acima mencionada. Os eventos e ações organizados pelo projeto, online e presencialmente (com o devido uso de equipamentos de proteção contra a Covid-19), mobilizaram mais de 3.500 pessoas.

Importante dizer que esse projeto de extensão teve como um dos eixos o fortalecimento de campanhas de direitos humanos mobilizadas por imigrantes e refugiadas/os, tendo contribuído diretamente com a mobilização #RegularizaçãoJá e em casos concretos de violações de direitos humanos, como nas ocasiões do assassinato por motivações xenófobas do frentista de origem angolana João Manuel e da condenação absurda da trabalhadora ambulante de origem togolesa Falilatou Sarouna a mais de 10 anos de prisão por um crime que

não cometeu. Essas mobilizações conseguiram se expandir e ganhar ressonância no debate público. Foram mobilizados atores diversos na academia, na política institucional, em órgãos variados do Estado, assim como em diferentes movimentos sociais. Essas ações conseguiram auxiliar os migrantes e suas famílias que sofreram graves violações de direitos a colocar a questão em um outro patamar de discussão, conectando temáticas variadas e produzindo alianças para resistir às múltiplas formas de violências, que vão do encarceramento em massa ao xenorracismo, passando pelo direito à moradia, ao trabalho, à saúde entre outros.

Tais campanhas, organizadas por coletivos e ativistas migrantes, contaram com as experiências prévias do Fronteiras Cruzadas iniciadas com a Campanha #NduzoTemVoz, uma mobilização permanente contra a expulsão da

multi-artista de origem sul-africana Nduduzo Siba do Brasil desde 2017, tendo se desdobrado na formação da rede "Vidas Imigrantes Negras Importam" (Quintanilha, 2024, no prelo), diretamente influenciada pelas amplas mobilizações nos atos "Justiça Por Moïse" em 2022, que expressaram a importância da atuação do Fórum neste "campo multifacetado de conflitos e das tramas associativas nas quais estão ancoradas" (Aguiar et al., 2022).

A relação próxima com esses ativistas possibilitou maior aproximação do Fórum com espaços de articulação das redes de imigrantes "nas margens", organizações que atuam em circuitos não hegemônicos da sociedade, mas são constituídas ao longo das últimas décadas por formas de auto-organização que são diversas e heterogêneas, e têm ganhado espaço e concretizado importantes ações, a exemplo do protagonismo da Con-

ferência Nacional de Migrações, Refúgio e Apatridia (II COMGIRAR), cuja 2ª edição ocorre em 2024.

Entre outras iniciativas no campo da extensão e da cultura, teve grande destaque a parceria com o SESC-Carmo, realizada em 2020 para promover um laboratório audiovisual intitulado "Vídeo-Cartas: Conexões Migrantes", que resultou em 11 vídeos pautados pela busca por "alargar os conceitos e referências sobre a questão migratória contemporânea em suas interconexões com direitos humanos, culturas e tecnologias" (Perseguiu, 2020, p.125). Outro projeto com importante repercussão foi apoiado pela ONG internacional Witness e denominado "VideoLab: Conexões Migrantes", em que foi realizada a série audiovisual "Vidas Imigrantes Negras Importam", por memória e justiça a João Manuel⁶. Uma ação mais recente com o apoio da Wit-

ness foi a realização do "CineDebate *Historias Caminantes*", com exibição do filme "*El Digno Retorno*", que retrata a história de deportação do cineasta Lalo Aguillar dos EUA para o México e sua relação com a organização *Otros Dreams en Acción*, que atua com imigrantes retornados. A produção audiovisual tem sido um dispositivo que sempre caracterizou as atividades do Fronteiras. Mais recentemente foi construída uma articulação para o lançamento do filme *Lo que Queda en el Camino*, co-dirigido por Danilo do Carmo (2024), além da preparação para a realização de MesaCasts no recém construído estúdio da FFLCH no âmbito do Projeto de Extensão da USP – projetos esses que culminaram na "1ª Mostra de Cinema Fronteiras Cruzadas", a ser realizada em novembro de 2024 com apoio da SPCine.

Entre tantas atividades e ne-

cessidades oriundas da precária condição das populações imigrantes e das instituições de pesquisa no país, a sustentabilidade da rede que compõe o Fronteiras Cruzadas é uma preocupação constante. Em meio aos desafios, trabalhos como atividades gastronômicas e culturais são uma saída diante da escassez dessas estruturas. Assim, a realização de um mutirão de escrita de projetos promoveu a participação do grupo no âmbito do Edital de Fomento a profissionais do setor cultural e criativo PROAC 39/2021, em que foram elaborados 12 projetos, com a aprovação de seis iniciativas de brasileiros, haitianos, bolivianos e congolezes.

Foi dessa forma propositiva que, em setembro de 2020, junto com o Fórum dos Ambulantes da cidade de São Paulo e também com o grupo Cidade e Trabalho,

⁶ Ver o texto Vídeo Como Dispositivo Antixenorracismo em: <<https://portugues.witness.org/fronteras-cruzadas-video-como-dispositivo-anti-xenorracismo>>.



o Fronteiras Cruzadas contribuiu para a organização do seminário “*Ambulantes e Cidade: Cartografias da economia popular, tensões nos territórios, conflitos e práticas de resistência durante a pandemia da Covid-19*”, sob a curadoria da socióloga Ana Lúcia Aguiar. O seminário foi construído com diversos atores engajados nas lutas sociais da cidade, integrando pesquisadores, movimentos populares, ativistas e trabalhadores ambulantes, e tinha como um de seus objetivos compreender e cartografar o impacto da pandemia nos comércios populares em São Paulo, as tensões e conflitos em torno de formas de controle dos espaços urbanos, bem como as ações e iniciativas de redes e

formas de articulação dos trabalhadores ambulantes para lidar com os bloqueios e impasses no exercício do seu trabalho nesses espaços (Aguiar, Barbosa, Itikawa, Telles, 2022). A participação do Fronteiras Cruzadas e de trabalhadores imigrantes no debate se deu no escopo do entendimento de que os imigrantes são importantes atores/produtores dos mercados populares e de sua cadeia de valor, e que esses também estavam sendo impactados pelas profundas mudanças que estavam em vigor no período.

Essa articulação entre o Fronteiras Cruzadas e o Fórum dos Ambulantes foi importante para aproximar o debate da população imigrante que até então estava

apartada das formas de organização e de luta dos trabalhadores informais. Essa aproximação gerou a realização de oficinas e uma reedição do laboratório de vídeo-cartas, dessa vez promovido em parceria com a *Witness Brasil*⁷. O principal objetivo dessa ação era informar sobre a importância da produção de imagens feitas com celulares como dispositivos de defesa diante das inúmeras situações de violências oriundas das políticas de intervenção urbana através de agentes policiais e da fiscalização. Como forma de potencializar o registro de vídeos como dispositivos de defesa, coube ao Fronteiras Cruzadas promover o início da campanha #MercadoVivo (ainda em fase de

desenvolvimento) contra as políticas de remoção arbitrárias de bancas de ambulantes e outras formas de violência em determinados territórios.

Ainda como resultado dessa articulação que se formou entre o Fronteiras Cruzadas, aproximando os coletivos e associações de imigrantes com as entidades de ambulantes, junto com pesquisadores e parlamentares, foram convocadas audiências públicas na câmara municipal de São Paulo, principalmente para reivindicar formas de manutenção da vida diante das inúmeras inseguranças provocadas nas condições da pandemia da Covid-19.

Durante todo os períodos mais agudos da pandemia, inúmeros relatos de imigrantes sob as dificuldades de acesso à vacina eram compartilhados, além de denúncias de xenofobia vividas pela população imigrante nos hospitais e postos de saúde (Quintanilha e Aguiar, 2024, no prelo). Havia também inúmeros empecilhos para acessar a regularização migratória, tornando a condição de vida da população imigrante ainda mais insegura. Nesse sentido, a atuação do Fronteiras Cruzadas se deu, ao longo de todo esse período, também como operador político nas disputas pelas urgências da vida.

Considerações finais

As experiências do Fronteiras Cruzadas, segundo relato de participantes dos projetos e eventos, têm marcado história em seu modo

de existir, contribuindo para catalisar e expandir mediações diante das conjunturas local, nacional e transnacional das migrações e do refúgio em seu primado social, econômico, político e cultural. A própria busca por fazer um resgate dessa história denota que existe um arquivo multifacetado de epistemologias colaborativas capazes de articular escalas, realizando atravessamentos e conectando pautas variadas em múltiplos campos da produção do conhecimento ancorados na realidade.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Ana Lúcia de Oliveira; Migração e educação: aspectos da inclusão escolar em migrantes nas escolas estaduais paulistanas. TCC especialista em Gestão Escolar – 2022 MBA ESALQ.

_____; BARBOSA, B.R.; ITIKAWA, L.; TELLES, V.S. “Disputas da terra, das narrativas e no campo do trabalho: advocacy em rede de ambulantes, universidades e movimentos nos conflitos pelo Direito à Cidade”. In *Cadernos de Estudos Urbanos*, v. 5. Instituto das Cidades. Unifesp. SP, 2022.

_____; CÔRTEZ, Tiago Rangel, TELLES, Vera da Silva; QUINTANILHA, Karina FAs tramas políticas nas cenas de protesto: Justiça Por Moise.Le Monde Diplomatique Brasil.2022. Disponível em: <<https://diplomatie.org.br/as-tramas-politicas-nas-cenas-de-protesto-resposta-ao-brutal-assassinato-do-congoles-moise-kabagambe>>.

CÔRTEZ, Tiago Rangel. Migrantes e fazer cidade: trajetórias urbanas de migrantes transnacionais em São Paulo.2023.Tese (Doutorado em Sociologia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP, São Paulo, 2023. doi:10.11606/T.8.2023.tde-28022024-134055.

CUSICANQUI, Juan Saka; FERREIRA, Karina Quintanilha; OLIVEIRA, Daniel C. Perseguição de.Vídeo-Cartas: Conexões Migrantes para o Dia Internacional dos Direitos Humanos. SESC. 04/12/2020.Ativistas participantes: Nduduzo Siba, Juan Cusicanki, Prudence Kalambay, Abdul Jarour.

FRONTEIRAS CRUZADAS. Sarau Multicultural Online, 2021 - Edital da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura da Unicamp, com produção do Fronteiras Cruzadas e Visto Permanente.

Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=k_vZY94rtZY

_____. Anais III Fórum Internacional Fronteiras Cruzadas.2022.Disponível em:<<https://fronteiras cruzadas.com.br/anais-iii-forum-internacional-fronteiras-cruzadas-frontie-ki-kwaze>>.

FRONTEIRAS CRUZADAS.Revista Fontié ki Kwaze Fronteiras Cruzadas – O desafio da comunicação diante das populações em deslocamento.Novembro de 2018.Disponível em: <http://fronteiras cruzadas.com.br/wp-content/uploads/2024/04/pub_l_forum_Fontie_ki_Kwaze.pdf>.

_____; Arco Escola Cooperativa. #JuventudesSemFronteiras. Ativistas entrevistadas: Natali Mamani, Rawa Alsagueer.

PERSEGUIM, Daniel. Plataformização cultural: estratégias de mídia-design para o ensino audiovisual.2020.Dissertação (Mestrado em Estética e História da Arte) - Estética e História da Arte, USP, São Paulo, 2020. doi:10.11606/D.93.2020.tde-14082020-182132.

_____; QUINTANILHA, Karina F. IALA, Vensam; MWANZA, Hortense Mbuyi. Fronteiras Cruzadas: Vídeo Como Dispositivo Anti-Xenofobia. Witness Brasil.[2020].Disponível em: <<https://portugues.witness.org/fronteiras-cruzadas-video-como-dispositivo-anti-xenofobia>>.

QUINTANILHA, Karina F. Imigração e lutas Migrantes: redes e encruzilhadas da mobilização por direitos e contra a xenofobia racializada no Brasil.Campinas, Tese (Doutorado), Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP); 2024, no prelo.

_____; AGUIAR, Ana Lúcia. Tabaladoras(es) imigrantes na cidade de São Paulo em tempos de pandemia. Relatório da pesquisa Covid-19 Como Doença Relacionada ao Trabalho. Coord. Dra. Maria Maeno. Fundacentro. No prelo. 2024.

_____. Migração forçada no capitalismo contemporâneo: trabalho, direitos e resistências no Brasil.Dissertação (Mestrado), Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica (PUC-SP). QUINTANILHA, Karina F.; ANTUNES, Ricardo; et al. Fronteiras Cruzadas: Formação de Rede Sociotécnica com Imigrantes e Refugiados - Edital da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura da Unicamp. Campinas, São Paulo. 2021. Disponível em: http://fronteiras cruzadas.com.br/wp-content/uploads/2021/12/Relatório-Final_-Extensão-Fronteiras-Cruzadas-UNICAMP.pdf QUINTANILHA, Karina F.; PERSEGUIM, Daniel; SCAVITTI, Julia; CÔRTEZ, Tiago Rangel. Controles fronteiriços e ativismos transnacionais. Coord. Ciclo de entrevistas com pesquisadores: Helion Póvoa Neto, Amarela Varela Huerta, Pablo Ceriani Cernadas. 3a edição do Fórum Internacional Fronteiras Cruzadas (Capes).Online YouTube, 2020.

7 A transmissão da oficina está disponível no canal de Youtube do Fronteiras Cruzadas, e contém um importante relato do comunicador Vito Ribeiro sobre a atuação da ONG em áreas de conflito no Rio de Janeiro através do uso do vídeo como ferramenta de denúncias e segurança para defensores dos direitos humanos. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Ha_lEGiypoA>.